

Memória

Mestre Rosemberg

Affonso Berardinelli Tarantino

Nas primeiras edições de nosso livro “Doenças Pulmonares”, no capítulo sobre Tuberculose, o nome Rosemberg vinha sempre após o nosso; nas sucessivas, ele aparece ao meu lado; nas últimas, em primeiro lugar; nas futuras estará seguramente sozinho.

Sempre me coloquei, junto dele, no lugar de honra, isto é, como vice. Ser segundo de Rosemberg é ganhar hoje o Nobel de amanhã. Sinto por José Rosemberg algo como um simulacro de inveja de mim mesmo; não é fácil de explicar, é um sentimento bíblico que não subtrai nada, mas acrescenta ternura e muita admiração.

Rosemberg é uma inteligência crônica com paroxismos de gênio: uma inteligência em estado de graça. Além dos incontáveis quão merecidos títulos na especialidade, que recuso com veemência enumerá-los, por serem por demais conhecidos, respeito assim a qualidade precípua de um orador, isto é, a brevíloquência.

O Rosemberg, para quem não sabe, tem uma outra qualidade, é meu conterrâneo: nascemos em S. José dos Campos, no Vale do Paraíba, no doce vale deste rio sereno de ar tão puro quanto o sol ameno, onde passei meus dias da melhor idade, brinquei meus dias de maior saudade...

Previu, com mais de meio século de antecedência, o lugar que estaria reservado ao BCG, e só a ele, discípulo mais amado de Arlindo de Assis, em companhia de São Magarão - por mim beatificado em vida e “in pectore” como tal. Ambos se comportaram como dois cruzados, numa guerra santa pelo BCG. Acompanhei essa batalha, muito embora mais como expectador.

Rosemberg foi o inventor de outra guerra no continente, contra o tabagismo - basta ver os galardões que recebeu e vem recebendo com símbolo do antitabagismo no Brasil.

Queria não me sentir tão emocionado para contar-lhes mais sobre Rosemberg - não tão calmo, como o ministro Disraeli que, bocejou, por várias vezes, enquanto



Prof. José Rosemberg

proferia um discurso em pleno Parlamento Inglês.

Na verdade, sinto-me hoje, aqui e agora, como se estivesse recebendo o Premio Mestre Aloysio de Paula, pela segunda vez. Sentir-me-ia irremediavelmente frustrado, caso não fosse eu que aqui estivesse para saudá-lo, meu querido! Mais uma vez devo essa honra ao particular amigo Jansen, título esse que desde o começo do ano valoriza o meu currículo.

E sobre sua digníssima esposa, Professora Ana, você não vai fazer nenhuma menção? Vou sim. Numa das últimas vezes em que o Rosemberg esteve em nossa casa, num arroubo de indiscrição, Neusa, minha mulher, saiu-se com esta: entre todos vocês, octagenários assumidos, o mais conservado é sem dúvida o Rosemberg. Olha que entre o grupo presente havia uns sexagenários “adolescentes”. O casamento com a Doutora Ana acabara de realizar o milagre da eterna juventude.

E, para terminar, caso fosse necessário trazer o Rosemberg no colo até este local e me perguntassem: está pesado? Eu prontamente responderia: não, ele é meu irmão.